

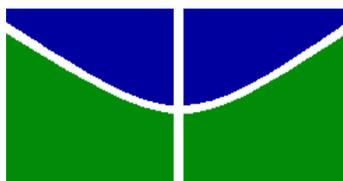
**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

CARLA APARECIDA DE OLIVEIRA SANTANA LEAL

**A DIALOGICIDADE ENTRE FAMÍLIA E ESCOLA E SUA
INFLUÊNCIA NO DESENVOLVIMENTO DA APRENDIZAGEM**

Brasília - DF.

2016



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

CARLA APARECIDA DE OLIVEIRA SANTANA LEAL

**A DIALOGICIDADE ENTRE FAMÍLIA E ESCOLA E SUA
INFLUÊNCIA NO DESENVOLVIMENTO DA APRENDIZAGEM**

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do título de licenciatura em Pedagogia, submetido à comissão examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Emília Gonzaga de Souza

Brasília - DF

2016

CARLA APARECIDA DE OLIVEIRA SANTANA LEAL

A dialogicidade entre família e escola e sua influência no desenvolvimento da aprendizagem

Monografia submetida como requisito para obtenção do Título de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Educação - FE, da Universidade de Brasília - UnB, em 29 de dezembro de 2016, apresentada e aprovada pela banca examinadora abaixo assinada:

Profa. Dra. Maria Emília Gonzaga de Souza (Orientadora)
Faculdade de Educação/ Universidade de Brasília

Profa. Dra. Ireuda da Costa Mourão (Membro Convidado)
Faculdade de Educação/ Universidade de Brasília

Profa. Esp. Suema Souza Araújo (Membro Convidado)
Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal

(Suplente)
Faculdade de Educação/ Universidade de Brasília

Dedico este trabalho, primeiramente, a Deus, aos meus familiares e aos meus amigos.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a deus, por me abençoar, dar força e por estar comigo sempre.

Aos meus familiares, que mesmo distante mostram-se presentes me dando força e apoiando em minhas decisões. Em especial aos meus pais, Maria e José e as minhas irmãs Katia e Karina, pelas palavras de apoio ao longo desses anos de vida acadêmica e a minha amada Tia Maria (Dinha, como é carinhosamente chamada) por ir nas reuniões escolares e eventos quando minha mãe estava no trabalho, cuidar de mim e todo apoio dedicado.

Ao meu marido Sérgio Leal e meu filho Tiago por todo companheirismo, carinho e nunca permitir que eu desista dos meus sonhos. Por compreenderem a minha ausência em determinados momentos.

Aos meus professores que tanto me ensinaram nessa longa jornada, em especial à minha orientadora Profa. Dra. Maria Emília, sobretudo, pela compreensão e por dedicar seu tempo na realização deste trabalho.

A professora Eliete Gomes pela acolhida em sua sala de aula e compartilhar seu conhecimento.

A equipe gestora da Escola Classe 113 Norte por abrir as portas para a realização deste trabalho, sem esse apoio nada seria possível.

As minhas amigas Erika Oliveira e Jakeline Vilela, por me acompanharem nessa jornada. Pelo companheirismo e palavras amiga ao longo dos anos dedicados a Universidade. Por dividir as angústias, lágrimas, risos e amizade que levo para além da vida acadêmica.

A todos que sentiram a minha ausência, porém compreenderam a importância do tempo destinado aos estudos. Eu só tenho a agradecer e dizer que amo cada um de vocês.

“O diálogo cria base para colaboração”.

Paulo Freire

MEMORIAL EDUCATIVO

Meu nome é Carla Aparecida de Oliveira Santana Leal, nasci no dia 28 de outubro de 1981, na cidade do Rio de Janeiro. Sou filha de Maria Aparecida Oliveira Silva e José Joaquim de Santana, e tenho mais seis irmãos chamados Fábio, Lúcia, Katia, Alexsandro, Leandro e Karina. Sou a filha do meio do casamento do meu pai e da minha mãe.

Desde o meu nascimento até os meus 19 anos morei no Rio de Janeiro com minha família. Durante minha infância, antes de entrar na escola, minha rotina eram as internações em hospitais com crises de bronquite. Nos momentos que ficava em casa era uma criança ativa, brincava muito com meus vizinhos e com meus primos.

Aos seis anos de idade minha mãe me matriculou em uma escola pública perto de casa, chamada Escola Municipal Campo dos Afonsos. Estudei do jardim de infância até o ginásio (9º ano do Ensino Fundamental), considerada uma das melhores escolas públicas da região na época. Lá estudavam meus irmãos e primos. Minha mãe trabalhava muito, meus irmãos e eu íamos para a escola na supervisão da minha Tia, pois minha prima estudava na mesma sala de aula que eu.

Eu amava a escola. Lembro-me do sorriso da merendeira e do carinho dela com todos os alunos, seu nome era Dirce, Tia Dirce como era carinhosamente chamada. O lanche era feito com tanto amor que era difícil resistir aos seus quitutes. A diretora se chamava Rose, ela era muito brava, mas estava sempre atenta aos alunos, até hoje ela atua nessa mesma escola como diretora.

Minha primeira professora se chamava Marília, Tia Marília, ela tinha uma filha com o apelido de Lili (não recordo do nome dela). Tia Marília era especial, nos ensinava com amor nos olhos, sua sala de aula tinha um cheirinho tão agradável que não sei ao certo descrever, minha Tia falava que era cheirinho de amor. Devia ser mesmo!

Houve um episódio que me marcou muito nesse período, um dia minha tia não foi nos buscar, pois minha prima estava doente, e meu irmão mais velho iria me levar para casa. Ele começou a brincar com os amigos em frente à

escola de bola de gude (como é chamada na minha cidade, não sei o nome certo que é dado aqui no Distrito Federal) e não lembrou que naquele dia ele quem era o responsável. Ficou horas jogando e eu acabei dormindo na secretaria da escola de tanto chorar. A escola entrou em contato na casa da vizinha (naquela época quase ninguém tinha telefone em suas residências) para avisar do episódio, mas minha mãe ainda estava no trabalho, a minha professora morava perto da nossa casa e nos levou em segurança, porém ficou aguardando a chegada de algum responsável para explicar o ocorrido. Meu irmão ficou de castigo por uma semana e eu fiquei ainda mais encantada com a Tia Marília.

Outra professora que marcou essa fase de alfabetização foi a professora Zenaide. Com uma voz mansa, óculos caídos sobre o nariz e olhar atento para o seu educando. Foi esse olhar atento que descobri a necessidade do uso dos óculos, diante de seguidas reclamações de dor de cabeça e a falta de atenção na escrita.

O lado ruim de estudar na mesma escola que seus irmãos era que todo professor comparava o seu comportamento, isso me incomodava muito, pois meus irmãos aprontavam demais e eu era quieta, não porque queria, mas sim porque a saúde não permitia imitá-los. Na antiga terceira série (atualmente segundo ano do ensino fundamental) as professoras Jocelice e Dalmira eram bravas, mas com um lado doce que poucos conheciam. Lembro das intermináveis arguições de tabuada e dos mapas desenhados repetidas vezes, das infinitas conversas com os pais sobre o desenvolvimento dos filhos.

Durante esse período eu sofri um acidente, e minha mãe não sabia como resolver os problemas pertinentes a escola, e devido à sua baixa escolaridade ela não compreendia seus direitos e deveres como cidadã. No entanto, quando a escola soube o que acontecera, imediatamente mostrou-se disponível em ajudar.

Todo dia após a aula um amigo da escola levava as tarefas realizadas em sala de aula e no final da tarde as professoras revezavam para auxiliar nas questões que apresentava dúvida. Percebi que o diálogo e a relação com a escola foram importantes nesse período do meu processo de ensino aprendizagem.

Passado o período de alfabetização, inicia-se então o ensino fundamental. Surge um novo universo, eu não era mais a menina com saúde

frágil e minha Tia não me acompanhava mais nas idas e vindas da escola. Naquela época a 5ª série (6º ano) só era ofertada no turno matutino, meus irmãos mais velhos acabaram de sair do ensino fundamental, para desespero da minha mãe, ao perceber que eu iria sozinha para a escola. Eu, estava feliz mesmo diante de tantas mudanças: o número de professoras aumentou, alguns desses professores não conheciam meus irmãos.

O grau de escolaridade dos meus pais era baixo, meu pai estudou até a 5ª série (6º ano) e minha mãe até a 4ª série (5º ano). Para eles, ver seus filhos estudando era motivo de orgulho, era como se eles estivessem realizando um sonho. Minha mãe deixava claro a importância dos estudos para nossa vida e o respeito destinado aos professores. Ela sempre dava um jeito para estreitar a relação com a escola, mesmo trabalhando muito. Ora minha tia mediava, ora era minha irmã mais velha.

Com o término do ensino fundamental, veio a adolescência e com ela a rebeldia. Me recusei a seguir meus estudos e fiquei um ano sem estudar. Para decepção dos meus familiares, pois diferente dos meus irmãos eu sempre mostrei interesse nos estudos. Minha mãe era do tipo que deixava os filhos “sentirem na pele” os erros.

Nesse período resolvi trabalhar, e percebi a importância nos estudos que minha mãe tanto falava. As lembranças da rotina da escola traziam um vazio no peito, mas ao mesmo tempo a rebeldia não permitia voltar atrás.

Após um ano, retomei os estudos e procurei uma escola perto de casa. Concluí o ensino médio nesta escola no período noturno, para conciliar com o trabalho. O ensino era defasado e a maneira encontrada para amenizar a situação era buscar outros meios para agregar conhecimento. Eu buscava materiais dos meus amigos que estudavam em escolas consideradas melhores para a aprendizagem. Estudava através desses materiais.

Aos 19 anos casei e mudei para Brasília - DF. Meu marido é militar e foi transferido na época para a cidade e nesse mesmo período ele havia passado para a Universidade de Brasília para cursar Licenciatura em Física.

Esse foi o pior período da minha vida, pois tinha que cortar os laços com a família e aprender a viver sem eles todo tempo ao meu lado. Os dias eram intermináveis.

Retomei aos estudos como forma de driblar a saudade que tanto me consumia. Passei a dedicar meu tempo a leitura e logo em seguida me matriculei em cursinhos pré-vestibulares. Retomava ali minha rotina de estudos. Acompanhava meu marido a Universidade e estudava na biblioteca enquanto ele assistia às aulas. O ingresso na universidade demorou, fiz inúmeros vestibulares, sendo as primeiras opções o curso de assistente social, achava que meu perfil era ajudar as pessoas e esse curso atendia minhas expectativas, mas não era a opção que me deixava confortável. O desânimo surgiu e fiquei um período sem prestar vestibular. Estava cansada da rotina pesada de estudos.

Após anos de casamento, despontou a vontade de ser mãe. Meu pequeno Tiago surgia para compor a nossa família, e nas madrugadas acordada cuidando dele, lia livros e estudava. O desejo de ingressar na universidade não havia desaparecido com a chegada do herdeiro.

Ao completar três anos de vida do meu filho, me candidatei ao vestibular para concorrer a vaga para o curso de pedagogia. A decisão por esse curso veio após pesquisar sobre a atuação do profissional. Nessa pesquisa, lembrei-me dos ensinamentos deixados pelos meus professores que me alfabetizaram. Mas não ingressei neste mesmo ano, com isso veio a decepção, pois nunca havia me aproximado tanto de uma vaga.

No ano seguinte meu marido me matriculou no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), para concorrer a vaga do vestibular. Eu realizei a prova, mas com a certeza que seria mais um final de semana de provas que não daria em nada. Não acompanhei os gabaritos, não queria ter expectativas. Ao sair o resultado das notas da prova, meu marido percebeu que havia me saído muito bem e me inscreveu para concorrer a vaga, porém ficou em segredo. Em uma tarde, ele me ligou e me pediu para acessar a internet para ver o resultado, fiquei brava, ele sabia que não aguentava mais passar por isso, mas fiz o que ele me pediu, e lá estava meu nome!

Iniciei meus estudos na Universidade de Brasília no segundo semestre de 2012 no curso de Pedagogia. Conheci professores que me ensinaram a importância do profissional na educação, que ser professor é ser mediador do conhecimento, mostraram que podemos construir sujeitos críticos.

Durante o curso a disciplina de Introdução à Classe Hospitalar foi uma das que mais causou inquietação. Acredito que pelo fato de ter vivido minha

infância nos hospitais, e por perceber que a diálogo existente entre a família e a escola tem papel fundamental no desenvolvimento do educando.

Muitos pais de crianças internadas não sabiam de seus direitos como cidadão. Ao me deparar com essas situações, recordava da minha mãe e dos momentos que me acompanhava numa infância de internações frequentes, do quanto era difícil esse momento.

Ao realizar o estágio obrigatório supervisionado em uma Escola Classe perto da minha residência, veio novamente as lembranças de minha infância na escola. Observei o cotidiano das crianças e me vi em alguns momentos em determinadas crianças. A maioria dos pais trabalham fora e enfrentam dificuldades em acompanhar o desenvolvimento de seus filhos, assim como era com a minha mãe. Percebi o esforço dos responsáveis em ter uma relação estreita com a escola e a dificuldade em compreender as limitações de seus filhos no processo de ensino aprendizagem.

Nesse mesmo período comecei a pensar no meu tema de monografia. Diante da minha vida acadêmica e das reflexões com o estágio supervisionado em escola pública, decidi tratar o diálogo entre a família e a escola e a influência no desenvolvimento no processo de ensino aprendizagem, sobre como a família e a escola dialogam visando o desenvolvimento do estudante em sala de aula, sobre como essa relação família e escola se dá, a participação efetiva dos pais no processo de ensino aprendizagem.

Por fim, diante de toda minha vivência pessoal e acadêmica, espero que por meio dos estudos da minha monografia, consiga refletir sobre meu futuro como educadora, e sobretudo fazer com que todos os envolvidos no processo de ensino aprendizagem dos educandos, possam perceber o seu importante papel na formação social e acadêmica de cada sujeito, fazendo assim cumprir com triunfo seu papel, seja educador, professor ou familiar.

RESUMO

A presente pesquisa objetivou analisar o diálogo entre família e escola e sua influência no desenvolvimento da aprendizagem, sob a perspectiva dos pais/responsáveis, diretora e vice-diretora. Comprometendo-se a: (1) Verificar o diálogo entre família e escola que favoreça o melhor desenvolvimento dos educandos em sala de aula; (2) Analisar a relação família e professor; (3) Verificar as formas de diálogo entre família e escola; (4) Verificar a participação dos pais/responsáveis dos educandos com dificuldades no processo de ensino-aprendizagem. Foi feita primeiramente uma revisão bibliográfica com base nos autores Paulo Freire (2008), Maria Auxiliadora Dessen e Ana Paula da Costa Polonia (2005), Maria Tereza Maldonado (2001), dentre outros, os quais embasaram teoricamente a pesquisa e estudos executados. A metodologia de caráter qualitativo, contou com a realização de entrevistas estruturadas e aplicação de questionários contendo perguntas abertas e fechadas. A análise de dados indicou que o diálogo e a relação entre família e a escola, é prejudicada devido a diversos fatores, sendo a ausência de outras ferramentas para auxiliar o diálogo, um dos principais. Todavia, há aqueles familiares que acreditam que as ferramentas utilizadas pela escola são suficientes, reconhecem a importância do diálogo e a participação da família na escola, e do acompanhamento no processo de ensino aprendizagem das crianças.

Palavras-chave: Diálogo; Família e escola; Processo de desenvolvimento.

ABSTRACT

The present research aimed to analyze the dialogue between family and school and its influence on the development of learning, from the perspective of parents or guardians, director and vice-director. Committing to: (1) Verify the dialogue between family and school that favors the best development of students in the classroom; (2) Analyze the family and teacher relationship; (3) Check the forms of dialogue between family and school; (4) Check the participation of parents or guardians of students with difficulties in the teaching-learning process. A bibliographical review was made first based on the authors Paulo Freire (2008), Maria Auxiliadora Dessen and Ana Paula da Costa Polonia (2005), Maria Tereza Maldonado (2001), among others, who theoretically supported research and studies. The methodology of qualitative character, counted on the accomplishment of structured interviews and application of questionnaires containing open and closed questions. The analysis of data indicated that the dialogue and the relationship between family and school is hampered due to several factors, and the absence of other tools to assist the dialogue, one of the main ones. Nevertheless, there are those who believe that the tools used by the School are sufficient, recognize the importance of dialogue and the participation of the family in school, and the accompaniment in the teaching children's learning process.

Keywords: Dialogue; Family and school; Process of educational development...

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Apêndice F.....	56
---------------------------	----

LISTA DE ABREVIações E SIGLAS

DF - Distrito Federal

Dra. - Doutora

EC - Emenda Constitucional

ENEM - Exame Nacional do Ensino Médio

FE - Faculdade de Educação

Nº - Número

P. - Página

Prof.^a - Professora

Sr.^a - Senhora

UnB - Universidade de Brasília

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	17
2. REFERENCIAL TEÓRICO	20
2.1. Comunicação e suas definições	20
2.2. Diálogo e comunicação intimamente ligados?	22
2.3. Relação entre família e escola.....	24
2.4. Como podemos descrever a relação família e escola?	26
2.5. Dificuldades enfrentadas no processo ensino aprendizagem e o envolvimento dos pais	27
3. METODOLOGIA.....	31
3.1. Definição de pesquisa qualitativa.....	31
3.2. Estudo de caso.....	31
3.3. Sujeitos da pesquisa.....	32
3.4. Instrumentos da pesquisa.....	33
3.5. Coleta de dados	34
4. ANÁLISE DE DADOS	35
4.1. Questionário realizado com os pais/responsáveis	36
4.2. Questionário realizado com a Professora Regente, Diretora e Vice-diretora	39
4.3. Perspectivas para o diálogo e o desenvolvimento do educando	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
PESPECTIVAS PROFISSIONAIS.....	47
REFERÊNCIAS	48
APÊNDICES	51
Apêndice A - Autorização dos pais para participarem da pesquisa.....	51
Apêndice B - Autorização da professora para participar da pesquisa	52
Apêndice C - Autorização da vice-diretora para participar da pesquisa	53
Apêndice D - Autorização da diretora para participar da pesquisa.....	54
Apêndice E - Questionário para os pais/responsáveis	55
Apêndice F - Questionários de aplicação para professora regente, diretora e vice-diretora	56

1. INTRODUÇÃO

O tema central deste estudo se volta para a dialogicidade entre família e escola e sua influência no desenvolvimento da aprendizagem, pois existe uma inter-relação entre o que se desenvolve na escola e a vivência dos estudantes na família.

O interesse pelo tema surgiu ao realizar o estágio obrigatório do curso de graduação de Pedagogia na Universidade de Brasília em uma escola da rede pública de ensino do Distrito Federal e pela relevância do tema presente no cotidiano da sala de aula. A forma como a escola dialoga com a família para o melhor desenvolvimento dos educandos em sala de aula e como esse diálogo pode favorecer, considerando o processo de ensino e de aprendizagem é que motiva a pesquisa.

Na relação entre família e professor observa-se a importância do estreitamento na relação, sobretudo quando constantemente revisada e vista como primordial no desenvolvimento do educando.

A participação dos pais/responsáveis em eventos na escola e sua frequência abrange de certa forma essa relação existente entre escola e família, desde reuniões entre pais e mestres, apresentações em dias comemorativos, até mesmo a frequência em que os responsáveis do educando comparecem à escola para eventual conversa com a direção.

Essa participação se faz crucial em relação aos pais/responsáveis dos educandos que apresentam dificuldades no seu processo de ensino aprendizagem. A relação entre o professor e a família desses educandos necessita ter um olhar especial.

O rendimento do estudante não deve estar direcionado apenas como responsabilidade do professor. Educador e família precisam atuar juntos para que o educando obtenha êxito em seu desenvolvimento, e nesse caso o diálogo e a comunicação são aspectos imprescindíveis.

Portanto, o diálogo entre a escola e os pais/responsáveis ocupa enorme responsabilidade. Ambos necessitam se conhecer e reconhecer diante do cenário escolar. Isso se torna preocupante nos dias de hoje.

É necessário observar se a escola vem se adequando aos novos tempos. Faz-se necessário questionar se nós educadores estamos observando a influência da comunicação, do diálogo entre os familiares dos educandos e o que isso traz para o processo educacional.

As tecnologias e os meios de comunicação estão a serviço tanto da escola como da família e são ferramentas que surgem para estreitar cada vez mais a relação entre eles, portanto observar os meios pelos quais esse diálogo está sendo realizado e aperfeiçoá-lo faz com que sejam instrumentos de aprendizagem.

A escola tem seu papel diante da sociedade de formar críticos e formadores de opiniões, a família com o dever de auxiliar esse processo, contempla por sua vez o desenvolvimento dos educandos.

Essa atuação realizada em conjunto, sociedade, escola e família, trazem benefícios para a criança, propiciam o desenvolvimento no cenário escolar e no meio social em que o sujeito está inserido. A relação e o diálogo tornam-se por sua vez algo rotineiro, comum e não visto como algo distante do cenário escolar. Para tal, observam-se os meios em que a escola e a família vem se dialogando ao longo do ano letivo.

A escola ao observar que cada sujeito tem um contexto histórico- social, apresenta uma identidade. E esta, por conseguinte é explorada de tal forma a aproximar as famílias dos educandos à escola. Relacionando as tarefas ao cotidiano vivenciado dos educando para que este compreenda o que é ensinado.

Então, mediante as colocações, faço os seguintes questionamentos:

1. De que maneira a escola dialoga com a família para o melhor desenvolvimento dos alunos em sala de aula?
2. De que maneira se dá o diálogo entre família e escola?
3. Como se dá a relação entre família e professor?
4. Os pais/responsáveis participam com frequência dos eventos da escola?
5. Os responsáveis dos educandos com dificuldades de aprendizagem têm participação efetiva no processo de ensino-aprendizagem?
6. De que forma a escola vem se posicionando para obter o diálogo entre família e escola?

Essas questões geraram meus objetivos de pesquisa. O objetivo geral é:

- Verificar o diálogo entre família e escola que favoreça o melhor desenvolvimento dos educandos em sala de aula.

E como objetivos específicos têm-se:

- Analisar a relação família e professor;
- Verificar as formas de diálogo entre escola e família;
- Verificar a participação dos pais/responsáveis dos educandos com dificuldades no processo de ensino aprendizagem;

Esta pesquisa está organizada com pequenos capítulos introdutórios que tratam sobre o dialogicidade entre família e escola e sua influência no desenvolvimento da aprendizagem.

O trabalho de conclusão de curso está estruturado em partes: memorial, referencial teórico, metodologia, análise de dados e perspectivas profissionais.

A primeira parte apresenta as memórias educativas, relatos importantes para minha formação acadêmica, que é o memorial.

O referencial teórico discorre acerca do diálogo e a relação família e escola, apresenta conceitos de diálogo, comunicação e a influência no desenvolvimento no processo de ensino aprendizagem, e por fim, explana as dificuldades apresentadas pelo aluno no processo de ensino aprendizagem.

No capítulo referente a metodologia é apresentada em forma de pesquisa, dando enfoque aos sujeitos e aos instrumentos utilizados.

Na análise de dados são expostos os instrumentos e procedimentos de pesquisa baseados nos objetivos e na revisão bibliográfica.

Nas considerações finais foram realizadas algumas reflexões tendo como base os objetivos, e são apresentados os êxitos alcançados por meio desta monografia.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Comunicação e suas definições

Segundo Bordenave (1994, p.16), “a comunicação precisa do outro para existir, assim como outro necessita da comunicação para compreender e viver em sociedade”. Ambas estão intimamente ligadas: comunicação e sociedade.

No entanto, não devemos pôr a comunicação diretamente e unicamente ligada aos meios de comunicação social, a comunicação vai muito além disso. Ao levantarmos, ao tomarmos café, ao direcionarmos à escola, todos esses movimentos estão tendo comunicação, o modo de sentar-se frente a uma entrevista, também é comunicação. Segundo Bordenave: “A comunicação é uma necessidade básica da pessoa humana, do homem social” (1994, p.19).

Para esse autor (1994), a comunicação serve para que as pessoas se relacionem, transformando-se mutuamente e também a realidade que as rodeia. A comunicação nos permite compartilhar nossas experiências e vivermos em um mundo com mais abertura ao outro. Ouvimos e aprendemos com o outro. Aprimoramos o que sabemos ao relacionarmos e comunicarmos com os demais sujeitos. Aprendemos na sociedade que o silêncio também é uma forma de comunicar-se com os indivíduos que nos cercam.

Uma ressalva importante sobre a comunicação e a interpretação que se dá em determinados momentos: o filho ao aprender a falar faz sons imitando aproximadamente, ou não, a fala dos pais ou dos sujeitos que o cercam, no entanto o sujeito que está ao lado interpreta da forma que compreendeu aquela mensagem. Isso também ocorre quando estamos já na fase adulta, os indivíduos a nossa volta realizam a interpretação da palavra e não do contexto que está em questão.

Cada cultura tem sua própria comunicação, dificultando ou facilitando a comunicação nos mais variados tipos de cultura em que o homem é inserido. Nesse caso, faz-se necessário cuidar para obter uma boa compreensão dos códigos utilizados.

Mesmo que ilimitado o uso dos signos pelo homem para se comunicar, a comunicação é realizada, em sua maioria, através da linguagem. Em

contrapartida, a maior parte das confusões e isolamentos entre pessoas, grupos ou até mesmo nações é advindo da linguagem. A linguagem, manifesta-se também como instrumento integrador dentro de um mesmo grupo social, sendo o diferenciador em grupos distintos. Ao ser utilizada em determinados países pode parecer familiar, no entanto o significado deste mesmo código pode ser completamente diferente, podendo causar mal-entendido.

De acordo com Bordenave (1994, p.65) os signos quando foram criados pelo homem, eram associados a um determinado objeto. Porém iniciava-se uma confusão quando havia mais de uma espécie daquele signo, surgindo os conceitos. O conceito do objeto auxilia o homem na sua comunicação. Um mesmo objeto com as mesmas características do signo visto antes, porém com formas diferentes, não precisaria mais ter outro significado. O objeto receberia aquele mesmo signo mesmo contendo formas diferentes.

Paulo Freire (1973, Apud Lima, 1981, p.59):

Comunicação (é) a coparticipação dos sujeitos no ato de pensar [...] implica numa reciprocidade que não pode ser rompida. O que caracteriza a comunicação enquanto este comunicar comunicando-se, é que ela é diálogo, assim como o diálogo é comunicativo. A educação é comunicação, e diálogo, na medida em que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados.

Para Freire, é através das relações entre os indivíduos e o mundo é que se constrói o conhecimento. A comunicação é social, desta forma, eu preciso do outro para criar o conhecimento. Não podendo ser imposta, e sim transmitida. Ressalta que o ser humano é uma “criatura essencialmente comunicativa” (Freire, 1973, Apud Lima, 1981, p.64-65). É através da comunicação que a vida humana adquire seu significado. Para ele, os homens não são verdadeiramente humanos sem a comunicação e ao impedir a comunicação reduz-se o homem à condição de “coisa”.

De acordo com Sfez (2000, p.38):

Comunicar significa estabelecer ou ter alguma coisa em comum, sem prejudicar a respeito dessa “alguma coisa”, nem sobre os caminhos que servem à transmissão ou sobre os termos (indivíduos, grupos, objetos) ativados nessa troca.

Para o autor, os indivíduos não perdem totalmente a identidade, eles apenas praticam trocas. A subjetividade do mundo passa a ser parte do indivíduo quando este se comunica com o outro. Reforçando a dialética existente entre o sujeito e ambiente: o sujeito faz parte do ambiente e este faz parte do sujeito.

2.2. Diálogo e comunicação intimamente ligados?

De acordo com o Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, diálogo: é uma “Fala alternada entre 2 ou mais pessoas; conversaçãõ” e também uma “ Troca ou discussão de ideias, opiniões”, e outras definições. Alguns autores como Buber (2004, p. 12) “o fato primordial para o pensamento é a relação, o diálogo na atitude existencial da face-a-face”. O diálogo parte do Eu- participante importante do diálogo e Tu- torna-se presente a si mesmo e aos outros, acolhendo a sua alteridade.

Em suma a relação Eu-Tu, segundo o autor, nos remete a importância da alteridade que emana em cada sujeito atuante. A relação e a ação estão intimamente ligadas. É reencontrar o que em nós é sujeito, aquilo que nos permite ser sujeito através da relação com o outro (Tu).

Segundo Buber (2004, p.39):

O Eu não é, repetimos, uma realidade em si, mas relacional. Não se pode falar Eu sem mundo, sem Isso ou sem Tu. Se o Eu decide-se por uma ou por outra atitude, significa que é o fenômeno da relação Homem-mundo como um todo que define a possibilidade do Eu decidir.

Para o autor, o outro a quem direciono a palavra e responde, é o outro sujeito. Na relação Eu-Tu, o homem é considerado como fim e não como meio, é através desse relacionamento com o outro que é possível o diálogo. Essa característica é perceptível em Pedagogia do oprimido, quando Freire questiona o diálogo como tarefa comum aos homens, onde os opressores impõem seus diálogos.

De acordo com Freire (2005, p.93):

Como posso dialogar, se alieno a ignorância, isto é, se a vejo sempre no outro, nunca em mim?

Como posso dialogar, se me admito como um homem diferente, virtuoso por herança, diante dos outros, meros “isto”, em quem não reconheço outros eu?

Como posso dialogar, se me sinto participante de um gueto de homens puros, donos da verdade e do saber, para quem todos os que estão fora são “essa gente”, ou são “nativos inferiores”?

Para ele o diálogo “é este encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu” (2005). O diálogo é o encontro do agir e refletir, não podendo assim ser um depósito de ideias de um indivíduo no outro. É um ato de criação.

Freire (2008) cita a confiança que um sujeito dá ao outro sobre suas reais e concretas intenções. Segue dizendo que não existe diálogo sem esperança, onde esta se apresenta na própria essência da imperfeição dos homens, levando-os para uma eterna busca. Busca essa que necessita da comunicação entre os homens.

De acordo com Leroy (1975, p.3):

Um diálogo é autêntico se cada personalidade implicar-se nele inteiramente, nele se empenhar exprimindo-se com sinceridade, porque que se sente aceita, com suas emoções, suas ideias, suas experiências, aceitando inteiramente os sentimentos, as ideias e as experiências dos outros porque deseja encontra-los, modificando, se preciso, suas atitudes e suas intenções, para cooperar, com eles, numa pesquisa comum.

O autor reforça a dialética pedagógica, que engloba não somente as trocas de trabalhos, mas também uma relação afetiva-social com tensões emocionais. Reforça a importância da relação do diálogo escolar na aprendizagem dos alunos e no desenvolvimento de sua personalidade.

Ao relacionar o diálogo no ambiente escolar questionam-se as formas que são estimuladas as iniciativas de escolha, decisão ou juízo crítico. A maneira em que essa dialética está sendo enaltecida pelo professor em sala de aula, observando assim se tais comportamentos favorecem ou restringem a autonomia dos estudantes, ou limitam as possíveis escolhas ou críticas. Assim, quando a dialética pedagógica restringe ou deixa de favorecer a autonomia dos educandos, ela deixa de ter sua finalidade, perde sua característica e passa a ser apenas uma transmissão de conhecimento entre professor e estudante.

2.3. Relação entre família e escola

A relação entre família e escola é por si inseparável. E é no seio familiar que a criança tem o primeiro contato com a sociedade. Segundo o dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, família: são “pessoas aparentadas que vivem na mesma casa” ou “pessoas do mesmo sangue” entre outras definições. Segundo alguns autores a família é o primeiro grupo em que os indivíduos se desenvolvem.

Para Knobel (1992, p.19):

A família é um dos grupos primários e naturais de nossa sociedade, nos quais o ser humano vive e consegue se desenvolver. Na interação familiar, que é previa e social (porém determinada pelo meio ambiente), configura-se bem precocemente a personalidade, determinando-se aí as características sociais, éticas e cívicas dos integrantes da comunidade adulta. Por isso, muitos fenômenos sociais podem ser compreendidos analisando as características da família. Muitas das reações individuais que determinam modelos de relacionamentos também podem ser esclarecidos, de acordo com a configuração familiar do sujeito e da sociedade da qual faz parte.

Piaget reforça a importância dessa relação para o desenvolvimento do educando ao aproximar os familiares ao cenário escolar e o que isso pode ocasionar na rotina dos estudantes. De acordo com Piaget (1973, p.50):

Uma ligação estreita e continuada entre professores e os pais leva, pois a muita coisa mais que a uma informação mútua: este intercâmbio acaba resultando em ajuda recíproca e, frequentemente, em aperfeiçoamento real dos métodos. Ao aproximar a escola da vida ou das preocupações profissionais dos pais, e ao proporcionar, reciprocamente, aos pais um interesse pelas coisas da escola, chega-se até mesmo a uma divisão de responsabilidades.

Ambas preparam os indivíduos para viverem em sociedade, desempenham papel importante na constituição e construção do sujeito. Porém cada uma com sua especificidade quando relacionada às expectativas no desenvolvimento de cada ser.

Sobre essa especificidade Szymanski diz (2001, p.62):

A escola, entretanto, tem uma especificidade - a obrigação de ensinar (bem) conteúdos específicos de áreas do saber, escolhidos como sendo fundamentais para a instrução de novas gerações. O problema

da criança em aprenderem fração é da escola. Família nenhuma tem essa obrigação.

A autora nos diz que a professora tem que dar amor, respeito, confiança para seus estudantes e cabe à família dar um ambiente estável, provedor, amoroso. Porém muitas não conseguem, ora por fatores econômicos, ora por problemas pessoais.

Definir os papéis da escola e da família na vida escolar do educando, reforça cada vez mais a separação de responsabilidades. Ao observar isso no cotidiano dos educandos, foi possível compreender que não é algo tão fácil de conquistar.

Vaitsman (1994, apud Dessen, 2005, p.117):

O termo família, do ponto de vista científico, é extremamente difícil de definir, particularmente nos tempos pós-modernos. A ideia de pós-modernidade, caracterizada pelo rompimento com visões universalistas e pela busca da descentralização de modelos predeterminados.

Para a autora é importante observar o contexto familiar que o estudante está inserido. Priorizando não somente o papel do funcionamento biológico como também na transmissão de valores, tradições e significados culturais.

Todavia se a família não apresenta proximidade na rotina escolar da criança, não mostra interesse diante as tarefas realizadas pelos filhos (as), a criança pode demonstrar sentimentos de abandono.

Segundo Maldonado (2001, p. 11), as crianças:

[...] se sentem sozinhos e abandonados com a falta de contato mais próximo e afetuoso, surgem condutas caóticas e desordenadas, que se refletem em casa e, quase sempre, também na escola em termos de indisciplina e de baixo rendimento escolar.

A participação e o envolvimento da família no cenário escolar vêm sendo defendido por autores ao longo dos estudos sobre essa relação. É através desse envolvimento que as crianças se sentem seguras, e é em convívio com o outro que ela irá se desenvolver.

Segundo Vigotski (1991, p. 64):

Todas as funções a criança aparecem duas vezes, em dois níveis: primeiro no nível social, e depois no nível individual; primeiro entre pessoas (interpsicológicas) e, depois, no interior da criança, como categoria intrapsicológica. Isso se aplica igualmente para a atenção

voluntária, para a memória lógica e formação de conceitos. Todas as funções superiores originam-se das relações reais entre indivíduos humanos.

Para ele, o processo de construção do conhecimento ocorre através da interação entre o sujeito e o ambiente sociocultural em que foi inserido. Para se construir esse conhecimento, implica na mediação entre um sujeito e outro.

2.4. Como podemos descrever a relação família e escola?

Ao descrever a relação entre família e escola, pensa-se nas leis que as tornam claras, as partes em que cada uma tem a sua parcela de responsabilidade e atuação diante a sociedade. Estado, Família e Sociedade juntos devem atuar em prol do bem-estar do desenvolvimento do estudante.

De acordo com a Constituição Federal (1988) em seu artigo de número 227:

É dever da família, da sociedade de e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão (EC nº 65/2010).

A família apresenta a responsabilidade de assegurar à criança o direito à educação. Cabe a ela e sobretudo ao Estado zelar para que isso ocorra. O Estado por sua vez, atentar-se em promover para a criança, pleno desenvolvimento e permanência nas escolas.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (1990) em seu artigo número 53, parágrafo único diz que “É direito dos pais ou responsáveis ter ciência do processo pedagógico, bem como participar da definição das propostas educacionais”. Reforça ainda que toda criança tem direito à educação, visando não somente o pleno desenvolvimento, mas também ao preparo para o exercício da cidadania.

Gomes (1994, p.60, apud SZYMANSKI, 2001, p. 63):

Embora seja inegável a importância da família como grupo socializador, outras agências sociais e até mesmo alguns espaços

competem com ela, diuturnamente, e vão se tornando demasiadamente fortes na sociedade atual. Uns positivos, e até desejáveis, outros, no mínimo, discutíveis.

Diversos desafios são relacionados quando o assunto é a relação família e escola: o papel dos integrantes dessa relação e a responsabilidade tanto da escola quanto da família, sendo as duas, os eixos fundamentais para o desenvolvimento do sujeito.

Vários autores como Szymanski (2001) defendem que uma boa relação entre a família e a escola beneficiam o desenvolvimento do educando. Ambas, família e escola, tem sua importância no processo de ensino aprendizagem, sobretudo no que diz respeito aos papéis que cada um atua.

2.5. Dificuldades enfrentadas no processo ensino aprendizagem e o envolvimento dos pais.

O processo de ensino e aprendizagem dos educandos vai além das prerrogativas: ou ele aprendeu, ou não aprendeu. Segundo Vigotsky (1982) alguns indivíduos se apresentam mais predispostos que os outros, sejam por motivos físicos ou genéticos. O autor não entende que essa diferença seja predominante para a aprendizagem. Ele rejeita os modelos baseados em definições de comportamento de acordo com a faixa etária. Afirma que o sujeito é ativo, ele age sobre o meio. Defende que não há a “natureza humana, a essência humana”. Primeiro somos sociais e depois individualizamos. Torna-se singular por meio da socialização.

Quando observamos em determinados momentos em uma sala de aula em que o professor fala e o aluno apenas ouve, o professor escreve e o aluno copia para o caderno, tais observações, para alguns autores, como Paulo Freire (2005) são apenas transmissão de conhecimento, a práxis é inexistente e não tem representação. Perdendo toda a consciência social e sua importância diante do mundo como agente criador e transformador da realidade.

Sobre isso Freire (2005, p.66), diz que:

[...] a educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador o depositante. Em um lugar de comunicar-se, o educador faz “comunicados” e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e

repetem. Eis aí a concepção “bancária” da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guarda-los e arquivá-los.

Dessa forma, como mudar então essa perspectiva de ensino aprendizagem que tanto se repete em sala de aula? Em seu livro *Pedagogia do Oprimido*, o autor nos diz que para haver mudanças na concepção bancária, o educador “deve orientar-se na humanização de ambos” (2005,p.71), ser mediador e não detentor de conhecimentos, companheiro ao relacionar-se com seus estudantes.

Os pais/responsáveis por sua vez tem seu papel no desenvolvimento do processo de ensino aprendizagem. A participação na vida escolar de seus filhos (as) é defendida por alguns autores. Segundo López (1999) os pais são vistos como suporte à escola, sua participação resulta em estímulos e melhorias da qualidade de ensino.

Porém a maioria dos estudantes com considerável dificuldade no desenvolvimento escolar que acompanhei no período da observação participante, os responsáveis apresentaram negação diante das dificuldades de seus filhos (as) no processo de ensino aprendizagem. A professora do terceiro ano do ensino fundamental da Escola Classe 113 Norte, relata a importância da conscientização dos pais desses educandos no processo do diagnóstico realizado por profissionais da Secretaria de Educação do Distrito Federal. Para ela a demora do diagnóstico, o excesso de casos a serem diagnosticados e a negação dos pais diante da especificidade de seus filhos (as) prejudicam o desenvolvimento do estudante, mesmo a escola oferecendo projetos, orientador e equipe para atendimento, ainda assim não atende à demanda.

De acordo com Bhering (1999, p.204):

É preciso então que a escola e os pais se relacionem mais claramente e que as “negociações” sejam feitas de modo a suprir os lados satisfatoriamente. Aqui o elemento básico é a comunicação. Todas as outras formas de envolvimento de pais se apoiam nos meios usados para entender um ao outro.

É necessário ressaltar que vários fatores influenciam no processo de ensino aprendizagem do educando. A participação efetiva dos pais é um deles,

assim como a forma com que a escola atua para compreender o contexto histórico social de cada estudante.

Na turma do terceiro ano, percebi o esforço da professora em trazer atividades relacionadas a rotina de cada estudante para melhor entendimento dos assuntos abordados em sala de aula. Brincadeiras, jogos e produções escritas fizeram parte do dia a dia, como também conversas explicando as dificuldades dos colegas de classe e a importância do auxílio e do respeito para o avanço no desenvolvimento de cada indivíduo.

De acordo com Baltazar (2004, p.158):

É necessário insistência e paciência por parte dos educadores para inserir os pais na escola, pois alguns pais sentem dificuldades em entender o funcionamento e a organização escolar; por elas terem regras e estruturas complexas, que, no entanto, aos poucos podem ser, assimiladas e os pais poderão, gradativamente, participar, de acordo com sua disposição de tempo e condições pessoais, evitando assim o isolamento da família da escola.

É um trabalho de extrema complexidade, vista as inúmeras pesquisas relacionadas ao desenvolvimento do educando em seu processo de ensino aprendizagem. Autores afirmam a importância da parceira família/escola, no entanto muito tem-se a aprimorar. Professores, pais e equipe gestora atuando em conjunto para o bem-estar social e educacional de cada educando.

3. Metodologia

3.1. Definição de pesquisa qualitativa

A pesquisa qualitativa tem caráter exploratório, com intuito de compreender e interpretar opiniões e/ou expectativas sobre o comportamento dos sujeitos. Segundo Minayo (2013), dificilmente pode ser traduzida em números e indicadores, não pode ser quantificado ou não deveria ser. Para a autora, a pesquisa qualitativa “trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes”. (2013, p.21)

De acordo com Gonsalves (2011, p. 70):

A pesquisa qualitativa preocupou-se com a compreensão, com a interpretação do fenômeno, considerando o significado que os outros dão as suas práticas, o que impõem ao pesquisador uma abordagem hermenêutica.

Ao elucidar sobre o que é pesquisa qualitativa pode-se supor que o pesquisador necessita de um contato direto tanto com o ambiente quanto com o campo que será pesquisado, não havendo assim manipulação do pesquisador.

3.2. Estudo de caso

Segundo Gonsalves (2011, p.69):

É o tipo de pesquisa que privilegia um caso particular, uma unidade significativa, considerada suficiente para análise do fenômeno. É importante destacar que, no geral, o estudo de caso, ao realizar exame minucioso de uma experiência, objetiva colaborar na tomada de decisões sobre o problema estudado, indicando as possibilidades para sua modificação.

No que diz respeito sobre os interesses do estudo de caso, segundo André (1986) o estudo de caso tem interesse próprio, singular, mesmo que depois apareçam semelhanças com outros casos ou situações. A autora faz uma ressalva na afirmativa de alguns autores que afirmam que todo o estudo de caso é qualitativo.

De acordo com a autora (1986, p. 18):

O estudo qualitativo, como já foi visto, é o que se desenvolve numa situação natural, é rico em dados descritivos, tem um plano aberto e flexível e focaliza a realidade de forma complexa e contextualizada. Nem todos os estudos de caso são, portanto, qualitativos.

Seguindo essa linha de pensamento, a pesquisa aqui apresentada tem características de pesquisa qualitativa, tendo como análise a observação participante e o questionário.

A autora pontua características fundamentais presentes no estudo de caso:

- Visam à descoberta - atento aos novos elementos que podem vir à tona;
- Interpretação do contexto - leva em conta o contexto em que ele se situa;
- Retratar a realidade de forma completa e profunda - enfatiza a complexidade natural das situações, evidenciando a inter-relação dos seus componentes;
- Variedade de fontes de informação - variedade de dados coletados em diferentes momentos, em situações variadas; e
- Experiência vicária - ocorre em função do conhecimento experiencial do sujeito.

Conforme padrões descritos por autores, tais como Gonsalves (2011) e André (1986), atuantes na área de pesquisa qualitativa, essa monografia caracteriza-se como estudo de caso, sendo este realizado em uma turma do terceiro ano do ensino fundamental, com faixa etária entre 8 e 10 anos, e seguidos de questionários para melhor elucidar as questões observadas em sala de aula.

3.3. Sujeitos da pesquisa

Segundo Gamboa (2015, p.45):

[...] a relação sujeito/objeto acontece numa relação de duplo empirismo entre um indivíduo real e isolado (pesquisador) e um pedaço de realidade também real e estática; entretanto, o sujeito empírico é portador de uma cultura, de uma linguagem, de uma estrutura e uma escala de valores; sua relação com o objeto, nesse sentido é neutra.

Para Gamboa (2015, p.45), tanto o investigador quanto o investigado são sujeitos, “o objeto é a realidade”, sendo a realidade o ponto de partida e mediador entre os sujeitos. “Nem objetividade pura nem subjetividade pura, na unidade do conhecido, objeto e sujeito se aliam irreduzivelmente”.

Para Gonsalves (2011) é importante compreender a diferença entre o objeto e o sujeito da pesquisa. O objeto é seu tema/questão, e o sujeito se “refere ao universo populacional que você privilegiará e às pessoas que fazem parte do fenômeno que você pretende desvelar”. Pois para ela, o “sujeito ficou reduzido a uma coisa, a um objeto de conhecimento (p.71)”.

A autora reforça que por meio da interação entre o investigador e o sujeito da pesquisa que os dados são produzidos, que este sujeito é produtor de realidade e conhecimento, tanto investigador quanto o investigado são sujeitos.

Na presente pesquisa os sujeitos participantes são os estudantes (por intermédio de observações acompanhadas em determinado período em sala de aula), os pais dos educandos, a professora regente da turma do terceiro ano, a diretora e a vice-diretora.

3.4. Instrumentos da pesquisa

Um dos instrumentos utilizados na presente pesquisa foi a observação participante. Segundo Minayo (2013) “pode ser considerada essencial do trabalho de campo na pesquisa qualitativa”. Para ela, é um método que permite a compreensão da realidade, permite ao observador ter uma relação direta com o sujeito participante. Sendo o observador parte do contexto que está sob sua análise, compreendendo seu contexto social.

Segundo Lakatos (2003, p.194):

O observador participante enfrenta grandes dificuldades para manter a objetividade, pelo fato de exercer influência no grupo, ser influenciado por antipatias pessoais, e pelo choque do quadro de referência entre observador e observado.

A observação participativa permitiu contato com a realidade dos estudantes e com a professora regente. Mediante relatos e brincadeiras a

relação se tornou estreita e foi possível compreender o contexto social dos educandos.

Outro instrumento utilizado foi o questionário, nessa etapa da pesquisa foram realizados dois tipos de questionários com algumas perguntas em comum para ambas as partes, o primeiro destinado aos pais dos estudantes do terceiro ano e o segundo para a professora regente, para a vice-diretora e para a diretora.

Segundo Gil (2008, p. 121), sobre o questionário:

Técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado etc.

Lakatos (2003) ressalta que para esse tipo de coleta de dados, o pesquisador envia juntamente com o questionário uma carta explicando a importância das respostas, despertando no recebedor o interesse em respondê-las.

Na presente pesquisa, foram utilizadas como coleta de dados duas técnicas: a observação participante e o questionário, visando melhor análise do contexto dos atores.

3.5. Coleta de dados

Segundo autores acima citados, Gonsalves (2011) pode-se afirmar que a pesquisa que aqui será apresentada é de caráter qualitativo. Em primeiro momento realizei coletas de dados por meio de observações no cotidiano em sala de aula, seguida de questionários destinados aos pais dos estudantes, professores, diretores e vice-diretores de uma escola do ensino fundamental do Plano Piloto.

De acordo com Gonsalves (2011) é na coleta de dados que você indica o objeto da sua pesquisa. Para a autora é importante deixar claro os motivos que você escolheu tais técnicas e o que você pretende atingir a partir da utilização deles. Salienta a possibilidade de o pesquisador fazer uso de um ou mais recursos, na finalidade de obter os dados de sua pesquisa.

A observação participante foi o primeiro momento utilizado para coletar os dados dessa pesquisa. A sala de aula apresentava 24 crianças com faixa etária

entre 8 e 10 anos. A professora regente atua na área da educação há mais de 20 anos, e há três anos na escola em que foi realizada a pesquisa. Nesse período de observação ministrei três aulas para acompanhar de forma minuciosa o desenvolvimento dos educandos.

Após o período da observação participante, utilizei questionários com a finalidade de aprofundar a pesquisa e compreender o contexto dos educandos. Portanto foram confeccionados dois questionários, um para os pais e outro para a professora, diretora e vice-diretora. Para que o questionário chegasse aos pais, solicitei ajuda da professora e enviei nas agendas recados para explicar a importância da pesquisa.

4. ANÁLISE DE DADOS

O questionário foi realizado com a diretora, vice-diretora, professora e pais/responsáveis dos educandos da Escola Classe 113 Norte, localizada no Plano Piloto-DF. A Escola atende aos educandos do 1º até o 5º ano do ensino fundamental, com o total de 317 alunos, sendo estes 169 do turno matutino e 148 do turno vespertino, tendo como diretora a Sr.^a Silene Rubim e como vice a Sr.^a Luciana Marcondes. A diretora Silene Rubim atua na Secretaria de Educação há 10 anos e há 17 anos em Escolas da Rede Particular.

A observação participante ocorreu no período do estágio obrigatório fase II, sendo realizadas três aulas sob supervisão da professora regente e uma dessas aulas com o acompanhamento da orientadora de estágio Prof.^a Maria Emília da Universidade de Brasília.

Segundo Gil (2008, p.156) “A análise tem como objetivo organizar e sumariar dados de forma tal que possibilitem o fornecimento de respostas ao problema proposto para investigação”. Para o autor esse processo varia de acordo com a função do plano de pesquisa. Torna-se simples identificar e ordenar os passos a serem seguidos quando os delineamentos são experimentais ou quase experimentais. No estudo de caso, não se pode falar em esquema rígido de análise e interpretação.

Ao que diz respeito o foco da análise de dados, de acordo com Minayo (2013, p.79) afirma que:

[...] o foco principal para análise em pesquisa qualitativa é a exploração do conjunto de opiniões e representações sociais dos interlocutores sobre o tema que pretende investigar. Esse estudo do material não precisa abranger a totalidade das falas e expressões dos interlocutores porque, em geral, a dimensão sociocultural das opiniões e representações de um grupo que tem as mesmas características costuma ter muitos pontos em comum ao mesmo tempo que apresentam singularidades próprias da biografia de cada interlocutor.

No caso de análise aqui apresentada, irei interpretar os questionários destinados à direção, professores e pais/responsáveis e relatar o período que realizei a observação participante, atendo-se às singularidades de cada participante desta pesquisa.

4.1. Questionário realizado com os pais/responsáveis

O questionário foi realizado com o intuito de compreender respostas pertinentes a dialogicidade entre família e escola e sua influência no desenvolvimento da aprendizagem, pensando nas intervenções realizadas pela Escola e pelos pais/responsáveis. Afim de compreender como isso pode influenciar no desenvolvimento do educando, este questionário foi realizado também com os pais/responsáveis.

Vale lembrar que o curto período para a pesquisa, nos deixa motivados a dar continuidade aos estudos relacionados a essa temática. Visto que pouco se tem pesquisado sobre o tema abordado. Aqui está representado uma amostra vivenciada em sala de aula de uma escola do Distrito Federal, localizada no Plano Piloto.

A primeira pergunta destinada aos pais dos educandos, diz respeito como eles avaliavam a sua participação na escola de seus filhos (as). Os pais/responsáveis deveriam atribuir uma nota que variava de 1 (insuficiente) a 5 (excelente), onde 5 pais responderam que sua participação era 5- excelente, os demais acreditam que sua participação é boa, atribuindo nota 4, para 3 pais sua nota foi regular e apenas 1 pai respondeu ser insuficiente.

De acordo com Dessen (2007, p.24):

A família também é a responsável pela transmissão de valores culturais de uma geração para outra. Essa transmissão de conhecimentos e significados possibilita o compartilhar regras, valores, sonhos,

perspectivas, e padrões dos seus membros e de suas habilidades em acumular, ampliar e diversificar as experiências.

Ao serem questionados sobre a importância dos pais em atividades e reuniões escolares, os responsáveis compreendem que sua participação é de suma importância para o desenvolvimento das crianças. Nessa pergunta, 11 dos 15 responsáveis que participaram da pesquisa, deram a maior nota (excelente) para a importância das suas participações. Durante a observação participativa, a professora relata que no geral os responsáveis se esforçam para estarem presentes nesses momentos, que um dos eventos que apresenta grande participação é na festa junina, isso é confirmado entre a diretora e vice-diretora.

Segundo Dessen e Polonia (2005) a contribuição da família para o desenvolvimento e aprendizagem humana é inegável. A escola tem sua parcela de contribuição, mais especificamente na aquisição do saber, tanto culturalmente quanto em áreas distintas do conhecimento. Ao manter boa relação entre família e escola, as condições para um melhor aprendizado e desenvolvimento do educando pode ser potencializado. Propiciando não somente na escola tais melhorias, em suas relações em outros contextos sociais também é notória essas mudanças.

No entanto, para obter estreitamento na relação entre família e escola, o diálogo é de suma importância. De acordo com os pais a melhor forma de diálogo seria por meio da agenda, porém alguns responsáveis citaram o WhatsApp (aplicativo de mensagens instantâneas via smartphones) como possível meio de comunicação. No entanto a direção da escola mostra-se contrária ao uso desse aplicativo, por receio de ser utilizado para outras finalidades. Para a direção "*teria muita opinião e pouca ação efetiva dos pais na rotina da escola*".

A agenda é o meio mais utilizado tanto pelos pais/responsáveis quanto pela direção da escola e professora. O e-mail surge quase que obsoleto. Ao versar esse questionamento, os pais mostraram-se interessados em fazer uso do aplicativo de mensagens, para eles "ficaria mais fácil e ágil o diálogo".

De acordo com Citelli (2000, p.36):

Considerar as práticas Escolares tendo em vista os veículos de comunicação e as novas tecnologias passa por pelo menos três direções fundamentais: o diálogo crítico com os meios; o reconhecimento das possibilidades operacionais, isto é, os alunos

devem aprender um pouco como se produzem as linguagens de mídia; a melhoria na infraestrutura tecnológica da própria Escola. Problema cuja solução depende, basicamente das políticas oficiais.

Quando solicitados para atribuir uma nota para a comunicação entre a escola e a família, os pais/responsáveis mostram-se satisfeitos. De uma amostra de 15 pais que responderam o questionário, 7 afirmam que é excelente a comunicação, os demais avaliam como boa ou regular, apenas 1 responsável relatou que está insuficiente. Mesmo mostrando-se satisfeitos com a comunicação entre a família e a escola, os pais reforçam a necessidade de outro meio de comunicação.

Segundo o responsável de uma estudante *“acredito que mesmo com toda tecnologia, a agenda ainda seja um meio exclusivo entre escola e família, mas pode também ser associado ao WhatsApp que é um meio de fácil acesso para muitos e de retorno imediato”!* Outros pais também citam esse aplicativo como forma de diálogo.

Outro ponto relevante foram os horários que são realizados alguns eventos da escola. Para o responsável de um dos educandos *“no caso especificamente a comunicação é bem razoável. Acredito que deveria ser justificada a ocorrência de alguns eventos em determinados dias e horários sobre a real necessidade de eles acontecerem”.*

No período em que foi realizada a observação participativa, houve alteração nos dias e horários de alguns eventos, visando atender o maior número possível de pais/responsáveis. As reuniões bimestrais e feira cultural/festa da família passaram a ser realizadas aos sábados no período matutino.

4.2. Questionário realizado com a professora regente, diretora e vice-diretora

O questionário aqui representado foi realizado com a professora Eliete, docente efetiva da Secretaria de Educação do Distrito Federal, que atua há mais de 26 anos. Porém na escola em que foi realizada a pesquisa atua há 3 anos e

atualmente é professora regente do 3º ano do ensino fundamental, com uma turma de 22 alunos. A diretora Silene Rubim atua na Secretaria de Educação há 10 anos e há 17 anos em escolas da rede particular e a vice-diretora chama-se Luciana Torres.

Ao serem questionadas sobre a porcentagem (aproximada) de pais participantes nos eventos da escola, ambas revelam que a festa junina é o evento que mais tem participação dos pais, seguido da primeira reunião de pais e mestres com uma média de 70% de comparecimento.

Esta reunião é destinada para apresentação do professor da turma, sobre as temáticas abordadas no decorrer do ano e para a apresentação da escola. A reunião bimestral, de acordo com elas é o evento com menor número de participação dos pais. Uma explicação citada pela diretora da escola e reforçada pela professora é que o horário destinado as reuniões prejudica os responsáveis que trabalham. Atualmente, as reuniões estão sendo realizadas aos sábados para atingir um número maior. Os demais eventos são de mediano a baixo o comparecimento dos responsáveis. De acordo com Chechia (2002) o trabalho faz com que haja o distanciamento dos pais em relação ao desenvolvimento de seus filhos.

Na segunda questão solicitamos que atribuíssem uma nota para a comunicação entre pais e escola e outra para escola e pais, onde a nota 1 era para insuficiente e a nota 5 para excelente. Para a professora regente a comunicação apresenta-se boa e excelente. No entanto para a diretora ela segue de regular na relação entre pais e escola, e boa para a relação escola e pais. A vice-diretora acredita que as relações têm um posicionamento bom.

Algo bem comum vivenciado no período da observação participante era, a professora quando não tem êxito nos recados enviados pela agenda do estudante, ela aguarda o responsável na porta da escola no horário da entrada ou saída e pede gentilmente que o mesmo fique com ela para conversar por alguns instantes. A professora compreende a rotina de cada um, no entanto deixa claro a importância de manter estreita a relação entre escola e família.

Quando questionadas sobre o que mais favorece a relação família/professor e professor/família, elas reforçam da importância dessa parceria.

Segundo a vice-diretora “o momento presencial em que podemos conversar frente a frente, olhando nos olhos para falar como está o desenvolvimento pedagógico”. A mesma acredita que a proximidade com os pais torna o cenário escolar mais íntimo do contexto social de cada educando.

Para a diretora “a participação nas reuniões, a troca de ideias, as resoluções de problemas”. Afirma que a escola tem se esforçado para estreitar a relação com a família, ressalta que juntos família/escola necessitam ter o mesmo objetivo: o desenvolvimento da criança, tanto no cenário escolar quanto na vida social.

A professora vai além e afirma que “quando a família percebe que o professor é o parceiro da família e do aluno. Quando o professor tem condições de trabalho, valorização e credibilidade”. No período da observação participante, relatos sobre a valorização e credibilidade do trabalho do profissional da educação eram frequentes, para ela os estudantes precisam compreender melhor o papel do professor e assim atingir a consciência das famílias.

De acordo com Facci (2004, p.21):

O professor é encarado como o vilão das mazelas que povoam o espaço escolar tais como: o descompasso entre teoria e prática, o fracasso escolar, os problemas de indisciplina e, até mesmo de violência, dificuldades de aprendizagem entre outras problemáticas enfrentadas na escola.

Mudar essa imagem do professor diante da sociedade é algo que a professora vem trabalhando com muito esforço. Segundo ela isso se agrava quando o aluno apresenta dificuldades em seu desenvolvimento e muitos pais não aceitam as reais condições de seus filhos (as).

A quinta questão remete sobre a importância da participação dos pais em atividades e reuniões da escola. Para ambas é excelente que isso ocorra. Segundo Paro (2000, p. 34) “é uma questão afetiva, os filhos se sentem amados quando os pais valorizam suas ações e seus trabalhos”.

Mesmo diante da perda de credibilidade social apresentados em tempos passados, Paro (2000, p.63) salienta que:

Nem o decréscimo da importância da escola com móvel de ascensão social nem as concepções a respeito da queda da qualidade do ensino

parecem ter conseguido abalar significativamente a confiança que a população tem na escola instituição.

A sexta pergunta, direcionada para a melhor forma de diálogo na visão da professora, vice-diretora e diretora. (APÊNDICE F).

Figura 1- A melhor forma de diálogo entre a escola e os pais seria por meio de:



Outro: _____

Fonte: Documento desenvolvido pela autora.

As três, diretora, vice-diretora e professora, disseram que a melhor forma de diálogo é por meio das agendas. Porém a vice-diretora salienta a importância da reunião presencial, pois é nela que se tem um contato com a família e melhor compreensão do contexto social de cada educando.

A meu ver, tanto a agenda como o e-mail apresentam-se como melhor forma de diálogo entre escola e família. As mensagens instantâneas via aplicativo, podem até trazer resposta imediata sobre determinados assuntos, mas apresentam falhas na maneira que é utilizada, o uso indevido como o envio de vídeos e orações, o posicionamento em determinados assuntos políticos sem relação alguma com o desenvolvimento do educando, podem acarretar em desgaste no relacionamento entre escola e família.

A sétima questão versa quais os outros recursos utilizados na escola. A professora acrescenta o uso do aplicativo de mensagens instantâneas para smartphones, segundo ela *“mesmo não sendo o meio oficial”* torna-se uma ferramenta de resposta imediata, levando em consideração a rotina dos pais dos

estudantes. A diretora é contrária ao uso desse aplicativo, para ela a agenda e o e-mail são recursos oficiais da instituição escolar.

E por fim as sugestões sobre comunicação entre a escola e a família, apontando falhas e possíveis melhorias. Para a Diretora *“Muitos pais ainda não conseguem entender a importância dessa parceria. Um profissional não pune a criança por conta de uma atitude dos pais. A conversa precisa ser clara e desarmada, afinal o objetivo é o mesmo”*.

Para a diretora, a maioria dos pais temem em procurar a direção para conversar, por medo de seus filhos sofrerem em sala de aula algum tipo de “punição”, pois segundo ela “estão expondo os filhos (as)”. De acordo com Paro (2007), a escola necessita que a família esteja envolvida com as perspectivas educativas da escola, a fim de elaborar ações nas quais contribuam para o bom rendimento discente.

No entanto, a professora reafirma que o uso de aplicativo de mensagens via smartphones ajuda na comunicação, sendo que com ressalvas *“Vejo o WhatsApp como um bom recurso, porém com normas para evitar recados desnecessários. A agenda apresenta-se um modo simples, mas bastante útil. Mas também requer bastante envolvimento familiar para acompanhá-la”*.

Através das respostas apresentadas no questionário, pais/responsáveis relataram ter consciência da importância do diálogo entre família e escola. Para eles, o uso de novos meios de comunicação seria mais eficaz, por ter uma resposta imediata. A maioria dos responsáveis relatam interesse no desenvolvimento dos estudantes. No entanto, reclamam dos horários destinados aos eventos da escola, que geralmente ocorrem por volta das 17 horas para o turno vespertino, e muitos pais trabalham. A Direção e a Professora apresentam em suas falas a importância dessa relação e buscam sempre que possível ouvir os relatos dos pais para compreender o contexto de cada estudante. Quando se faz necessário, Diretora e Professora, alteram horários de reuniões e eventos na escola para que as famílias estejam presentes.

Em suma, o diálogo e a relação entre a família e a escola vêm sendo cada vez parceiros para o desenvolvimento dos estudantes dessa instituição.

4.3. Perspectivas para o diálogo e o desenvolvimento do educando

Ao realizar a observação participante da turma do 3º ano do ensino fundamental da Escola Classe 113 Norte, percebi a necessidade de aprofundar mais sobre a temática dialogicidade entre a família e a escola e sua influência no desenvolvimento da aprendizagem, acompanhando os recados nas agendas e no modo como os pais procuravam a professora regente para conversas sobre o processo de ensino aprendizagem de seus filhos (as).

Esse contato com a escola foi de grande aprendizagem acadêmica e profissional, a receptividade da direção nos deixou ainda mais próximos de cada atividade que fora executada no período que ali estava. Deixando sempre transparecer que ali havia problemas como qualquer escola e que a equipe estava disposta a solucionar da melhor maneira possível.

A diretora atende aos pais dos estudantes sempre que possível. Para ela *“esse contato permite compreender o que cada aluno vivencia”* e acrescenta ao dizer que *“acredita que escola e família, juntas, podem colaborar para o bom desenvolvimento da criança”*.

Entretanto o atendimento entre professora e responsável ocorre preferencialmente nos dias que os alunos estão na escola parque, toda quinta-feira. Porém a professora compreende a rotina dos pais e atende os mesmos no horário de entrada da turma sempre que possível. Em suas falas, reforça a importância da relação família e escola e do reflexo dessa parceria no processo de ensino aprendizagem da criança.

Diante da observação participante, foi possível acompanhar o desempenho do aluno frente a participação dos pais em sua rotina escolar. Ora diretamente na escola, ora por meio de mensagens na agenda.

O recurso mais utilizado pelos pais para a comunicação com a escola é a agenda. Através dessa ferramenta os pais conseguem relatar sobre as dificuldades enfrentadas pelos estudantes em determinadas tarefas, marcar horários para atendimento em horário específico, avisar sobre a ausência em alguns eventos. Porém, reforçam a necessidade de outras opções como meio de comunicação. Mostram-se satisfeitos, quando questionados sobre o atendimento da escola.

Segundo Parolin (2003, p.99):

Tanto a família quanto a escola desejam a mesma coisa: preparar as crianças para o mundo; no entanto, a família tem as suas particularidades que a diferenciam da escola, e suas necessidades que a aproximam dessa mesma instituição. A escola tem sua metodologia e filosofia para educar uma criança, no entanto, ela necessita da família para concretizar o seu projeto educativo.

Assim, tanto a escola como a família, cada um tem seus objetivos e valores específicos na educação de uma criança, e quanto mais diferentes são, mais necessitam uma da outra. Não se pode pensar isoladamente, todos – família, escola e Estado - têm seu papel a cumprir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a realização deste trabalho, busquei analisar o diálogo entre família e escola que favoreça o melhor desenvolvimento dos alunos em sala de aula e analisar as complicações enfrentadas pelos alunos em sala de aula resultantes (não) do diálogo entre família e a escola. A pesquisa realizada com uma turma do 3º ano do Ensino Fundamental, por intermédio de questionários feitos com os pais/responsáveis, Diretora, Vice-diretora e com base em relatos da observação participante.

A partir da discussão teórica apresentada e das observações realizadas, foram analisadas as dificuldades em atuar com assiduidade aos eventos e reuniões dos filhos (as), assim como também como elucidar a importância do diálogo e da relação entre família e escola. Foi também identificada a necessidade, de uma parte dos participantes da entrevista, do uso de outros meios de comunicação.

Durante a observação participante, ouvi relatos da professora sobre a relação dos pais na escola e sua influência no desenvolvimento dos estudantes e a importância do diálogo frente as dificuldades no processo de ensino aprendizagem. Por acreditar na importância dessa temática, escolhi pelo tema a dialogicidade entre família e escola e sua influência no desenvolvimento da aprendizagem, por acreditar que exista uma inter-relação entre o que se desenvolve na escola e a vivência dos estudantes na família, sobretudo com a necessidade de confrontar minhas opiniões sobre essa temática.

Ao estudar teorias referentes à temática, me fez compreender da complexidade que envolve o diálogo, não somente na sociedade, mas sobretudo no cenário escolar, ao aprofundar as análises teóricas e realizar a observação participante, compreendi a importância da relação família e escola no desenvolvimento do educando. No entanto, ambos, direção, professores e família precisam ter consciência que trabalhando juntos, é possível atender com qualidade os estudantes. O diálogo precisa ser compreendido em sua totalidade, visando o pleno desenvolvimento o educando, independente do contexto social que esse sujeito esteja inserido.

Quanto às contribuições da pesquisa, destaca-se a compreensão da importância do diálogo existente entre família e escola e a influência no desenvolvimento da aprendizagem, assim como a ampliação da participação dos pais no ambiente escolar, atuando como colaboradores desse contexto. Observa-se ainda que existem diversas maneiras para conseguir o envolvimento dos pais no processo de ensino aprendizagem sem, necessariamente, ficarem restritos as tarefas escolares.

Importante também atentar à formação dos professores da rede de ensino acompanhada nessa pesquisa. Os professores que ali atuam apresentam vasta experiência em sala de aula, cursos de especialização, mestrado e doutorado.

A análise da pesquisa mostrou os aspectos mais significantes nos quais a gestão escolar pode intervir no sentido de estimular melhorias na comunicação entre escola e família, considerando o contexto social de cada grupo.

A pesquisa não contempla, toda a complexidade existente na temática aqui abordada, mas traz importantes contribuições para reflexão por parte dos atores que atuam no cenário escolar: professores, gestores, familiares e pesquisadores interessados na temática.

As dificuldades enfrentadas no decorrer do trabalho foram para encontrar referências bibliográficas voltadas ao tema abordado na presente pesquisa. Diante disso, surgiu o interesse em aprofundar, confrontar teorias e perspectivas que possam beneficiar demais interessados pelo assunto aqui abordado.

Por fim, este tema ainda tem muito para ser comentado. A ausência de fundamentação teórica e políticas públicas que reforçam a importância do diálogo no contexto escolar dificultou o aprofundamento sobre a temática aqui apresentada. Reafirmando ainda mais o desejo de continuidade da pesquisa.

PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

Durante a realização do curso de Pedagogia na Universidade de Brasília, através das disciplinas cursadas e das experiências vividas, pude conhecer as diversas áreas que o mesmo pode atuar: pedagogo hospitalar, pedagogo, educação infantil, ensino fundamental, educação de jovens e adultos; e em nível de especialização: pedagogo empresarial, orientação educacional, psicopedagogia, gestão escolar, orientação vocacional.

No decorrer da minha trajetória acadêmica tive a oportunidade de realizar meu estágio obrigatório em uma escola da rede pública do plano piloto, em uma turma do 3º ano do ensino fundamental, onde alimentou o desejo de trabalhar em escolas pública, sonho este que me acompanha desde o ingresso no curso. Com o advento do tema da minha monografia, as dificuldades em encontrar referências bibliográficas pretendem dar continuidade nas pesquisas, através de uma formação continuada (cursos de especialização e mestrado), para que possa firmar um compromisso com a educação e trazer melhorias para o futuro dos estudantes.

REFERÊNCIAS

BALTAZAR, J. A. **Estrutura e dinâmica das relações familiares e sua influência no desenvolvimento infanto-juvenil: o que a escola sabe disso?** 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Oeste Paulista, UNOESTE, Presidente Prudente. Disponível em: <<http://www.bdae.org.br/dspace/handle/123456789/904>>. Acesso em: 18 dez2016.

BHERING, E., & Siraj- Blatchford, I. 1999. **A relação escola-pais: Um modelo de trocas e colaboração.** *Caderno de Pesquisa*, (106), 191-216.

BORDENAVE, J. E. D. **O que é comunicação.** 20ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BRASIL. Leis e Decretos. **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília, DF: Senado, 1988. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 25 out.2016.

BRASIL, Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional- LDB.** Lei Darcy Ribeiro nº 9.394/96. Brasília- 1998.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente: Lei nº 8.069**, de 13-7-1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069Compilado.htm>. Acesso em: 10 out.2016.

BUBER, M. **Eu e tu.** Trad. N. Aquiles Von Zuben. 8ª ed. São Paulo: Centauro, 2004.

CHECHIA, V. A. e ANDRADE, A. S. 2002. **Representação dos pais sobre o desempenho escolar dos filhos.** IN: SEMINÁRIO DE PESQUISA, V, Ribeirão Preto, SP, TOMO II, LIVRO DE ARTIGOS, p. 207-219.

CITELLI. A. **Meios de comunicação e práticas escolares.** Comunicação & Educação. São Paulo: CCA-ECA-USPI Segmento, n. 17, jan./abr. de 2000. p. 36. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/comeduc/article/view/4100/3852>>. Acesso em: 18 dez.2016.

DESSEN, M. A., e Áderson L. Costa Jr. **A ciência do desenvolvimento humano: tendências atuais e perspectivas futuras.** Artmed Editora, 2005.
 _____ & Polonia, A. C. **A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano.** Paidéia, v. 17 n.36, p. 21-32, 2007. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v17n36/v17n36a03.pdf>>. Acesso em: 12 dez.2016.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli, **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**, São Paulo: E.P.U. 1986.

FACCI, M. G. D. **Valorização ou esvaziamento do trabalho do professor? Um estudo crítico-comparativo da teoria do professor reflexivo, do construtivismo e da psicologia vigotskiana**. Campinas, SP: 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 28ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 47ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

GAMBOA, S. C. **Pesquisa em educação: métodos e epistemologias**. 2ed. Chapecó: Argos, 2012.

Gil, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GONSALVES, E. P. **Conversa sobre iniciação à pesquisa científica**. 5ed. Campinas: Alínea, 2011.

KNOBEL, M. **Orientação familiar**. Campinas: Papyrus, 1992.

LAKATOS. E. M. e Marina de Andrade Marconi. **Fundamentos de metodologia científica**. 5ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LEROY, G. **O diálogo em educação**. Trad. Luiz Damasceno Penna e J. B. Damasceno Penna. São Paulo: Nacional, 1975.

LIMA, V. A. de. **Comunicação e cultura: as idéias de Paulo Freire**. Vol 4. Rio de Janeiro, 1981.

LÓPEZ, J. S. I. **Como os pais devem participar na escola?** IN: Educação na família e na escola: o que é como se faz. São Paulo: Loyola, 2002.

MALDONADO, M. T. **Comunicação entre pais e filhos: a linguagem do sentir**. São Paulo, 2001.

MINAYO, M. C. de S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 33ed. Editora Vozes Limitada, 2013.

PARO V. H. **Qualidade do Ensino: A contribuição dos pais**. São Paulo: Xamã, 2000.

_____. **Gestão Escolar, Democracia e Qualidade do Ensino**. São Paulo: Ática, 2007.

PAROLIN, I. **As dificuldades de aprendizagem e as relações familiares**. Livro da 5ª Jornada da Educação do Norte e Nordeste. Fortaleza, 2003.

PIAGET, J. **Para onde vai a educação.** 15ed. Rio de Janeiro: José Olympio.1973.

SFEZ, L. **Crítica da comunicação.** São Paulo: Loyola. 1994.

SZYMANSKI, H. **A relação família/escola: desafios e perspectivas.** Brasília: Plano, 2001.

VYGOTSKY, L. S. **Obras Escolhidas: problemas de psicologia geral.** Madrid: Rogar, 1982.

_____. **A formação Social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos Superiores.** Organizadores Michael Cole et al. Trad J. Cipolla Neto, L. S. Menna Barreto, S. c. Affeche. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

WEISZ, T. e SANCHEZ A. **O diálogo entre o ensino e a aprendizagem.** 2ed São Paulo: Ática, 2002.

APÊNDICES

Apêndice A- Autorização dos pais para participarem da pesquisa

Senhores Pais:

Meu nome é Carla A. de Oliveira Santana Leal, aluna regularmente matriculada no curso de Graduação em Pedagogia na Universidade de Brasília- UnB (DF).

Tenho interesse em pesquisar a dialogicidade entre família e escola, e sua influência no desenvolvimento da aprendizagem, e para isto, gostaria de obter sua autorização para participar do meu estudo.

Os instrumentos que utilizarei serão dois questionários que serão aplicados aos senhores, à professora do terceiro ano do Ensino Fundamental, à Vice-Diretora e à Diretora, contendo questões específicas sobre dados da comunicação entre os pais e a escola e as consequências no desenvolvimento do educando.

Encontra-se em anexo, um exemplar de cada questionário para sua apreciação.

No aguardo da atenção de V.S.^a, cordiais saudações.

Atenciosamente,

Carla Leal

Eu, (nome do responsável) _____ aceito
participar da pesquisa.

Assinatura
Brasília, _____ de _____ de 2016.

Apêndice B- Autorização da professora para participar da pesquisa.

Senhora Professora:

Meu nome é Carla A. de Oliveira Santana Leal, aluna regularmente matriculada no curso de Graduação em Pedagogia na Universidade de Brasília- UnB (DF).

Tenho interesse em pesquisar a dialogicidade entre família e escola e sua influência no desenvolvimento da aprendizagem, e para isto, gostaria de obter sua autorização para participar do meu estudo.

Os instrumentos que utilizarei serão dois questionários que serão aplicados à senhora, aos pais, à Vice-Diretora e à Diretora, contendo questões específicas sobre dados da comunicação entre pais e a escola e as consequências no desenvolvimento do educando.

Encontra-se em anexo, um exemplar de cada questionário para sua apreciação.

No aguardo da sua atenção, cordiais saudações.

Atenciosamente,

Carla Leal

Eu, prof.^a _____ aceito participar da pesquisa a ser realizada na instituição.

Assinatura

Brasília, _____ de _____ de 2016.

Apêndice C- Autorização da Vice-Diretora para participar da pesquisa.

Senhora Vice-diretora:

Meu nome é Carla A. de Oliveira Santana Leal, aluna regularmente matriculada no curso de Graduação em Pedagogia na Universidade de Brasília- UnB (DF).

Tenho interesse em pesquisar a dialogicidade entre família e escola, e sua influência no desenvolvimento da aprendizagem, e para isto, gostaria de obter sua autorização para participar do meu estudo.

Os instrumentos que utilizarei serão dois questionários que serão aplicados à senhora, aos pais, à professora do terceiro ano do Ensino Fundamental e à Diretora, contendo questões específicas sobre dados da comunicação entre pais e a escola e as consequências no desenvolvimento do educando.

Encontra-se em anexo, um exemplar de cada questionário para sua apreciação.

No aguardo da sua atenção, cordiais saudações.

Atenciosamente,

Carla Leal

Eu, _____ vice-diretora escolar aceito participar da pesquisa a ser realizada na instituição.

Assinatura

Brasília, _____ de _____ de 2016.

Apêndice D- Autorização da Diretora para participar da pesquisa.

Senhora Diretora:

Meu nome é Carla A. de Oliveira Santana Leal, aluna regularmente matriculada no curso de Graduação em Pedagogia na Universidade de Brasília-UnB (DF).

Tenho interesse em pesquisar a dialogicidade entre família e escola e sua influência no desenvolvimento da aprendizagem, e para isto, gostaria de obter sua autorização para participar do meu estudo.

Os instrumentos que utilizarei serão dois questionários que serão aplicados à senhora, aos pais, à Vice-Diretora e à professora do terceiro ano do Ensino Fundamental, contendo questões específicas sobre dados da comunicação entre pais e a escola e as consequências no desenvolvimento do educando.

Encontra-se em anexo, um exemplar de cada questionário para sua apreciação.

No aguardo da sua atenção, cordiais saudações.

Atenciosamente,

Carla Leal

Eu, _____ diretora escolar autorizo participar da pesquisa a ser realizada na instituição.

Assinatura

Brasília, _____ de _____ de 2016.

Apêndice E- Questionário com os pais/ responsáveis.

1. Como você avalia a sua participação na escola? Atribua uma nota de 1 a 5 (1- insuficiente e 5- excelente):

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

2. Atribua uma nota para a importância da participação dos pais em atividades e reuniões da escola. (1- insuficiente e 5- excelente)

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

3. A melhor forma de diálogo entre a escola e os pais seria por meio de:



Outro: _____

4. Quais desses recursos, da pergunta anterior, são utilizados entre a escola e a família?

5. Atribua uma nota para a comunicação da escola com a família? (1- insuficiente e 5- excelente)

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

6. Deixe aqui sua sugestão sobre a comunicação entre a escola e a família, apontando falhas e possíveis melhorias:

Apêndice F- Questionário para Professora regente, Diretora e Vice-Diretora.

1. Qual a porcentagem (aproximada) de pais participantes nos eventos da escola:

Eventos	Porcentagem
1ª Reunião de pais e mestres	
Dia das Mães	
Festa Junina	
Dia dos Pais	
Reuniões Bimestrais	
Dia Letivo	
Festa da Família/Feira Cultural	
Outros:	

2. Atribua uma nota para a comunicação entre:
(1- insuficiente e 5- excelente)

NOTA	1	2	3	4	5
Pais e escola					
Escola e pais					

3. O que mais favorece a relação família/professor e professor/família?

4. Como é a comunicação entre professor/escola em relação aos alunos com dificuldades no processo aprendizagem?

5. Atribua uma nota para a importância da participação dos pais em atividades e reuniões da escola. (1- insuficiente e 5- excelente)

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

6. A melhor forma de diálogo entre a escola e os pais seria por meio de:



Outros: _____

7. Quais desses recursos, da pergunta anterior, são os utilizados entre a escola e a família?

8. Deixe aqui sua sugestão sobre a comunicação entre a escola e a família, apontando falhas e possíveis melhorias:
